

# Tendências da fecundidade de povos indígenas aldeados no Brasil Central, 2000-07<sup>1</sup>

Heloisa Pagliaro<sup>2</sup>  
Jade Cury Martins<sup>3</sup>  
Clayton Coelho<sup>4</sup>  
Sofia Mendonça<sup>5</sup>

## RESUMO

El presente trabajo busca indagar acerca de la experiencia emigratoria de argentinos en España después de la crisis de 2001, su proceso y las múltiples dimensiones y espacios en los que se desarrolla. En ese sentido, la reconfiguración de la figura del emigrante adquiere un relieve y un significado polisémico particular, con respecto a otros momentos migratorios. Para abordar el estudio de éste momento, utilizamos el Modelo de Acumulación de Activos, que analiza la incorporación de distintos tipos de capital en relación a prácticas transnacionales y la propuesta analítica de García (2004) a fin de poder ahondar en las características del colectivo argentino en ésta etapa emigratoria..

Palavras chave: fecundidade povos indígenas; comportamento reprodutivo povos indígenas; demografia indígena.

## INTRODUÇÃO

A expansão dos estudos sobre os aspectos demográficos e de saúde das populações indígenas no Brasil é notória e se deve à conjunção de diversos fatores, entre os quais se destacam: a recuperação demográfica de alguns povos indígenas a partir das últimas décadas do século XX, a maior visibilidade da questão indígena e das condições em que vivem essas populações e ao incremento de informações estatísticas, que viabilizaram a realização de inúmeras pesquisas nesse campo dos estudos (Pagliaro, Azevedo, Santos 2005). A conjunção desses fatores gerou um acervo de estudos de caso de grande relevância acerca das experiências demográficas e de saúde de vários povos específicos e dos auto-declarados indígenas do conjunto do país.

No tocante ao conhecimento da reprodução biológica e social de povos indígenas no Brasil diversos têm sido realizados nos últimos anos (Azevedo 2004; Coimbra et al 2002; Pagliaro, Junqueira 2007; Souza 2008; Dias Junior et al. 2008; Pagliaro, Azevedo 2008; Wong et al 2009; Pagliaro et al 2009; Pagliaro 2010). Todos estes estudos apontam para os altos níveis de fecundidade dos povos indígenas aldeados no país, que variam de 5 a 9 filhos, em média por mulher, diferentemente do que ocorre para o conjunto da população brasileira, cujo nível de fecundidade atualmente fica em torno de 2 filhos por mulher.

A intenção deste trabalho se inscreve no âmbito da temática do comportamento reprodutivo das mulheres das etnias Kisêdjê, Yudjá, Ikpeng e Kaiabi, habitantes do Parque Indígena do Xingu, no Brasil Central, no período de 2000 a 2007, contextualizada com o registro de

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IV Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población, realizado em La Habana, Cuba, del 16 al 19 novembro de 2010..

<sup>2</sup> Universidade Federal de São Paulo, Bolsista de Produtividade de Pesquisa II do CNPq. pagliaro@unifesp.br

<sup>3</sup> Universidade Federal de São Paulo, bolsista de iniciação científica do CNPQ nmartins@uol.com.br

<sup>4</sup> Universidade Federal de São Paulo. ccoelho@uol.com.br

<sup>5</sup> Universidade Federal de São Paulo. Sofia.mendonca@unifesp.br

conhecimentos tradicionais e regras culturais sobre sexualidade e saúde reprodutiva, extraídos da convivência com os povos estudados, fontes orais e bibliográficas. .

### **Fontes de dados**

Desde 1965, a Escola Paulista de Medicina (EPM), atual Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), desenvolve ações de saúde no Parque Indígena do Xingu (PIX). Desde o início de suas atividades, com as equipes médicas que procediam à vacinação e ao atendimento clínico, havia a preocupação de registrar as condições de saúde, individuais e coletivas, dos povos indígenas que habitavam o Parque a partir de relatórios de viagem e elaboração de fichas individuais de atendimento. Neste sentido foi possível acumular um banco de dados precioso que permite avaliar e acompanhar a trajetória dos indicadores demográficos e de saúde desses povos por quatro décadas (Baruzzi 2005), o qual é a principal fonte de dados do presente trabalho.

### **Povos estudados**

Os povos estudados são os Kisêdjê de língua Jê (ramo setentrional), os Ikpeng de língua Karib, os Yudjá e os Kaiabi, ambos da família lingüística Tupi. Todos habitam o Parque Indígena do Xingu (PIX), na região Centro-Oeste do Brasil, juntamente com mais dez outros povos indígenas pertencentes às famílias lingüísticas Aruak, Karib e Tupi, além dos Trumai de língua isolada. Em seu conjunto, a população das quatro etnias contempladas neste estudo somava, em 2007, 2157 indígenas habitantes da região central do PIX.

### **KISÊDJÊ**

Os Suyá ou Kisêdjê, como se autodenominam, são atualmente o único povo falante de língua Jê (ramo setentrional) que habita o PIX. Eles seriam originários da região Norte do rio Tocantins, de onde se deslocaram em direção ao rio Tapajós, disputando território com grupos indígenas da região, como os Munduruku e os Kreen-akarore (Seeger 1981). A sua chegada à região do rio Xingu teria ocorrido na primeira metade do século XIX. Conflitos com os povos indígenas habitantes da região os levaram a se refugiarem nos afluentes do rio Suiá-Missu. Nesse período, sem abrirem mão de sua singularidade cultural, incorporaram costumes e tecnologias de povos do Alto Xingu. Até algumas décadas atrás usavam grandes discos labiais e auriculares que, mais do que ornamentos apontavam a importância do cantar e do ouvir para esse povo (Seeger 1981). Em 1959 foram contatados pelos sertanistas irmãos Villas Boas e pouco depois se mudaram para as proximidades do Posto Indígena Diauarum, onde construíram aldeia e passaram a conviver com os Trumai, Kaiapó-Metuktire, Yudjá e Kaiabi, também antigos inimigos. No período de 1970 a 1990, depois de sua adaptação e convivência com os povos do PIX, os Kisêdjê passaram a perseguir o caminho de volta à sua terra original. Construíram aldeias seguindo a direção leste do Parque e, recentemente, recuperaram parte de seu território ancestral constituindo a Terra Indígena Wawi, contígua ao PIX.

Em 2007, viviam em cinco localidades, uma aldeia maior, Ngôjwêre, onde se concentrava a maior parte dos Kisêdjê, e nas pequenas aldeias Ngôsokô, Roptôtxi, Beira Rio e Wawi, com população total de 342 habitantes, sendo 48,5% < de 15 anos de idade (Tabela 1). No período 2000-2007 o crescimento médio da população foi de 3,6% ao ano. O número de mulheres em idade reprodutiva (12 a 44 anos) correspondia a 27,8% da população (85 mulheres).

Os indicadores de fecundidade indicam que as Kisêdjê tiveram, em 2000-07, 6,7 filhos nascidos vivos, em média, por mulher (Tabela 1). O mais alto nível de fecundidade se localizou entre as mulheres de 15-29 anos (Figura 1). Em razão dos altos níveis da fecundidade total, a distribuição da fecundidade se dispersa nos diferentes grupos etários, tendendo à maior concentração nas idades mais jovens (Figura 2) O padrão etário da fecundidade dessas mulheres

estaria em transição entre o padrão *tardio* e o *jovem*, com concentração nas idades de 20 a 24 anos e contribuição das mulheres menores de 30 anos de idade de 61 % da fecundidade total. A média de idade ao nascimento do 1º filho vivo dessas mulheres foi de 17,5 anos e o intervalo entre os nascimentos de 37,5 meses (Tabela 1). Das 118 crianças nascidas vivas nesse período, 28% são filhos de mulheres de 12 a 19 anos (2,5% de mulheres <de 15 anos) e 6,8% de mulheres de 40-44 anos de idade. A proporção de mulheres de 12 a 19 anos de idade que são mães é de 12,9%. No tocante à prevenção da gravidez e uso de métodos contraceptivos, em 2007, a grande maioria das mulheres de 12 a 44 anos (94,7%) recorria às regras tradicionais de controle da natalidade; apenas 5,3% utilizavam anticoncepcionais hormonais; nenhuma mulher usava dispositivos intra-uterinos (DIU); não havia mulheres com laqueadura de trompas, nem homens vasectomizados (Pagliaro et al 2009).

## **YUDJÁ**

Os Juruna ou Yudjá, como se autodenominam, pertencem à família lingüística Juruna, do tronco Tupi. As primeiras referências a esse povo se reportam a 1625, quando habitavam a foz do rio Xingu. Entre 1640 a 1866 estavam localizados entre os rios Tocantins e Amazonas e no final do século XIX iniciaram um movimento migratório até atingirem, em 1917, a confluência do rio Xingu com o Manitsauá, onde permanecem até hoje.

De uma população estimada em 2000 habitantes em 1842, estavam reduzidos a 58 pessoas em 1967. Em 1970 passaram a serem atendidos pelo Programa de Saúde da UNIFESP no PIX. Em 2007 viviam em quatro localidades com uma população de 306 indivíduos, cujo crescimento foi de 4,5% ao ano entre 2000 e 2007. Assim como os demais povos indígenas do PIX, a população Yudjá é muito jovem: 54,3% têm menos de 15 anos de idade. O número de mulheres em idade reprodutiva é de 71 e corresponde a 23,2% da população total (Tabela 1).

Os indicadores de fecundidade apontam para uma TFT de 8,8 filhos nascidos vivos por mulher, no período 2000-07. O mais alto nível de fecundidade se localizou entre as mulheres de 20-24 anos de idades (Figura 1) Em razão dos altos níveis da fecundidade total, a distribuição da fecundidade é dispersa nos diferentes grupos etários, tendendo à maior concentração nas idades de 20 a 34 anos, apresentando padrão tendendo para o *tardio* (Figuras 1 e 2).

Do total da fecundidade, 60% foram atribuídos às mulheres < 30 anos de idade; a média de idade ao nascimento do primeiro filho foi de 16,8 anos e o intervalo entre os nascimentos de 31 meses. Neste período o número de nascimentos vivos foi de 106, sendo 28,3% filhos de mulheres de 12 a 19 anos, apenas 1,9% de mulheres < de 15 anos de idade e 4,7% de mulheres de 40-44 anos. A proporção de mulheres de 12 a 19 anos que são mães é de 17,5% (Tabela 1). Em 2007, conforme Pagliaro et al. (2009) nenhuma mulher em idade reprodutiva utilizava contraceptivos hormonais ou DIU. Todas as mulheres recorriam às praticas tradicionais de controle da natalidade prescritas culturalmente entre os Yudjá. Havia uma mulher com mais de 50 anos laqueada e nenhum homem vasectomizado.

## **IKPENG**

Os Txicão ou Ikpeng, como se autodenominam, são um povo originário da região do rio Batovi, que ingressou no PIX em 1967, depois de um longo período de contato iniciado em 1952. Em Julho de 1968 estavam reduzidos a 50 indivíduos. Devido à situação precária e instável em que se encontravam, eles adotaram medidas de restrição da natalidade, registrando-se apenas três nascimentos entre 1967-69. A ingestão de plantas abortivas e a prática de ações mecânicas resultaram em seis abortos (Menget 2001). A partir de 1969, compreendendo que a situação havia melhorado, o número de nascimentos começou a crescer e os Ikpeng iniciaram um processo de recuperação populacional.

Em 2007, os Ikpeng viviam em três localidades com uma população de 359 indivíduos e crescimento médio anual de 3% ao ano. Este volume populacional superou em muito o volume estimado para os anos de 1960, de 130 a 150 indivíduos (Menget 2001). O elevado crescimento populacional proporcionou uma estrutura populacional jovem, sendo 53,3% < de 15 anos de idade. O número de mulheres em idade reprodutiva era de 25,3% da população total (91) (Tabela 1).

No que concerne aos indicadores de fecundidade, no período 2000-07, a TFT foi de 6,4 filhos nascidos vivos por mulher, sendo 75% deste total atribuído às mulheres < de 30 anos de idade (Tabela 1). O padrão etário da fecundidade dessas mulheres é *tipicamente jovem*, com concentração nas idades de 15 a 19 anos (Figuras 1 e 2). A média de idade ao nascimento do primeiro filho foi de 15,1 anos e o intervalo intergenésico de 30,8 meses. Nesse período o número de nascimentos vivos foi de 158, dos quais, 69 crianças (43,7%) eram filhos de mulheres de 12 a 19 anos, 16 (10,1%) de mulheres < de 15 anos e apenas três (1,9%) de mulheres na faixa etária de 40-44 anos. A proporção de mães na faixa etária de 12 a 19 anos era de 28,9% (Tabela 1). Em 2007, de acordo com Pagliaro et al. (2009) 77,1% das mulheres de 12 a 44 anos recorriam a regras de contracepção tradicionais, 22,9% utilizavam anticoncepcionais hormonais e nenhuma mulher utilizava DIU. Apenas uma mulher de 12 a 59 anos havia se submetido à laqueadura de trompas e não havia homens vasectomizados (Pagliaro et al 2009).

## **KAIABI**

Os Kaiabi são um dos quatro povos de filiação linguística Tupi, além dos Juruna (Yudjá), Kamaiurá e Aweti, que habitam o Parque Indígena do Xingu. Até meados do século XX, ocupavam a região do Alto Teles Pires, e parte da bacia do rio dos Peixes no Mato Grosso. Desde a década de 1950, uma parte do grupo começou a se deslocar para o PIX, num movimento migratório que durou aproximadamente vinte anos e que lhes permitiu crescer em população e preservar a identidade cultural (Pagliaro 2010).

Em 2007 os Kaiabi viviam em 20 localidades no PIX, com população de 1150 habitantes e crescimento de 5,4% entre 2000-07. A população Kaiabi, além de ser a mais numerosa do PIX e a que registrou o mais elevado ritmo de crescimento nas últimas décadas, é também a mais jovem: 56,1% do total têm menos de 15 anos de idade. O número de mulheres de 12 a 44 anos é de 288 (25% da população total) (Tabela 1).

A taxa de fecundidade total das mulheres Kaiabi, no período 2000-07, foi de 7,8 filhos nascidos vivo por mulher (Tabela1). O mais alto nível de fecundidade se localizou entre as mulheres de 20-24 anos de idades (Figura 1) Em razão dos altos níveis da fecundidade total, a distribuição da fecundidade é dispersa nos diferentes grupos etários, tendendo à maior concentração nas idades de 20 a 29 anos, apresentando padrão tendendo para o tardio (Figuras 1 e 2).

As mulheres < de 30 anos de idade foram responsáveis por 60,4% da fecundidade total, a média de idade ao nascimento do primeiro filho foi de 16,5 anos e o intervalo entre os nascimentos de 30 meses. O número de nascimentos vivos foi de 431, dos quais 144 (18%) correspondiam às mulheres de 12 a 19 anos, 28 (6,5%) às mulheres < de 15 anos e 13 (3%) às mulheres de 40 a 44 anos de idade. Na faixa etária de 12 a 19 anos, 18% das mulheres eram mães (Tabela 1). Em 2007, conforme Pagliaro et al. (2009) apenas 18,2% das mulheres de 12 a 44 anos utilizavam anticoncepcionais hormonais; nenhuma mulher utilizava DIU; apenas uma mulher de mais de 45 anos havia recorrido à laqueadura de trompas; não havia homens vasectomizados (Pagliaro et al. 2009).

## **Discussão**

Este trabalho analisou o comportamento da fecundidade de povos habitantes do Parque Indígena do Xingu – os Kisêdjê, Yudjá, Ikpeng e Kaiabi, falantes de diversas línguas e pertencentes a sistemas culturais diferentes. Destaca-se a repercussão do pequeno volume das populações na oscilação dos indicadores estimados.

Os indicadores analisados apontam para as semelhanças e diferenças existentes entre esses povos no tocante ao comportamento demográfico e da fecundidade. Os quatro povos têm elevado índice de crescimento populacional, que variou de 3 (Ikpeng) a 5,4 % ao ano (Kaiabi) entre 2000 e 2007. Todos são povos com populações extremamente jovens, cuja proporção de menores de 15 anos varia de 48,5% (Kisêdjê) e 56,1% (Kaiabi), e que no passado conviveram com elevados níveis de mortalidade e estão se recuperando demograficamente. As proporções de mulheres de 12 a 44 anos variaram entre 23 a 28%, aproximadamente, valores bastante elevados, que representam para os gestores de saúde uma alta demanda de serviços de saúde reprodutiva. As proporções de população de 50 e mais anos (ambos os sexos) são bastante baixas, mas representam uma demanda importante para os serviços de saúde reprodutiva, sobretudo no que tange à prevenção dos cânceres do aparelho reprodutivo masculino e feminino, com destaque para este último, que já vêm sendo registrado nas populações do Xingu há alguns anos.

A fecundidade é bastante elevada entre esses povos, assim como nas demais etnias do PIX e de algumas outras regiões do país. Os mais baixos níveis de fecundidade são registrados entre os Ikpeng (6,4 filhos por mulher) e os Kisêdjê (6,7) e os mais elevados entre os povos da família lingüística Tupi, os Kaiabi (7,8) e os Yudjá (8,8). As mulheres Ikpeng possuem a estrutura de fecundidade mais jovem (75% da fecundidade total são atribuídas às mulheres < de 30 anos de idade) quando comparada às estruturas de fecundidade das mulheres das demais etnias analisadas. A média de idade ao nascimento do primeiro filho entre as Ikpeng (15,1 anos) é compatível com a sua estrutura de fecundidade, sendo também a mais jovem entre as verificadas nas demais etnias. São as mulheres Kisêdjê que apresentam o maior intervalo entre os nascimentos (37,5 meses).

Como avaliado por Pagliaro et al (2009), o elevado nível da fecundidade verificado entre as mulheres de todas as etnias analisadas é o reflexo dos seus indicadores de contracepção. Essas mulheres ainda recorrem em grande proporção às práticas tradicionais de controle da natalidade. Entre as mulheres Yudjá, por exemplo, nenhuma mulher em idade reprodutiva utilizava contraceptivos hormonais nem DIU e apenas uma havia se submetido à laqueadura de trompas. O mesmo pode-se dizer das Kisêdjê, entre as quais apenas 5,3% das mulheres de 12 a 44 anos utilizavam anticoncepcionais hormonais, entre as quais, a maioria visava tratar condições clínicas e não a contracepção. Ainda conforme Pagliaro et al. (2009) entre as mulheres Ikpeng e Kaiabi, foram registradas as mais altas proporções de mulheres em uso de contraceptivos hormonais, 22,9 e 18,2%, respectivamente, com uma demanda mais intensa nas idades de 30-39 anos (46,9% das usuárias Kaiabi e 75% das Ikpeng), alegando em sua maioria a grande multiparidade e o sofrimento nas gestações como principais motivos para o uso da contracepção (Pagliaro et al. 2009). É interessante notar que as mulheres Ikpeng, para as quais foi verificada maior prevalência de uso de contraceptivos hormonais (22,9%) possuem o mais baixo nível de fecundidade (6,4 filhos por mulher) e a estrutura de fecundidade mais jovem dentre as demais etnias analisadas. Isto poderia indicar que de certa forma estas mulheres estariam abandonando suas práticas tradicionais de controle da natalidade e aderindo às práticas hormonais para regular a sua reprodução biológica de forma mais racional.

### **Considerações Finais**

Além da comparação de dados demográficos e de comportamento reprodutivo dos povos estudados, a análise dos indicadores apresentados deve ser realizada sob a luz das mudanças dos arranjos culturais no que se refere à saúde reprodutiva, o que de outras informações e registros etnográficos.

Da mesma forma ocorre com os casamentos, o número de filhos, o espaçamento entre os nascimentos, as dietas alimentares e regras associadas à menarca, gestação, parto e puerpério, têm características próprias para cada povo. A menarca é um momento marcante para os povos estudados, representando um momento vulnerabilidade física e espiritual que carece de cuidados especiais. Em geral, para todos os povos é um momento de reclusão, mais ou menos longo,

dependendo da etnia, no qual devem se preparar para a vida adulta, moldando seus corpos e adquirindo conhecimentos próprios ao universo feminino. Neste período, as adolescentes se devem se submeter a dieta alimentar rigorosa, serem protegidas pelos pais para não manterem relações sexuais e engravidarem precocemente. Atualmente essas regras têm sido negligenciadas em muitos povos. Marcadamente entre os Ikpeng, a prática da reclusão vem sendo abandonada, o que tem sido colocado pelas mulheres mais velhas como causa do aumento da gravidez precoce e/ou indesejada.

A construção do corpo, os ritos e regras estão inscritos em um código comum que explica toda a existência sociocultural que identifica povos como os Ikpeng, Yudjá, Kaiabi, ou Kisêdjê. Na perda desse código comum a cultura e a organização social se fragiliza, sendo necessária uma reflexão no sentido de garantir à essas mulheres os seus direitos individuais à saúde reprodutiva e à garantia de acesso aos meios para exercer esses direitos, sem perder a identidade cultural. A questão de como manter as regras tradicionais relacionadas à saúde reprodutiva e incorporar novos hábitos e comportamentos tem sido tema de encontros entre profissionais de saúde e lideranças, homens e mulheres dessas etnias e de outros povos que habitam a região. Há grande preocupação com o uso indiscriminado de métodos anticoncepcionais. Entre as inquietações discutidas destacam-se: a diminuição do ritmo de crescimento da população, o uso de métodos contraceptivos hormonais entre as adolescentes, a vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis, a perda de conhecimentos tradicionais relacionados à saúde reprodutiva e a menor procura por especialistas tradicionais.

### **Agradecimentos**

A pesquisa recebeu recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPq por meio de Bolsa de Produtividade de Pesquisa concedida à Heloisa Pagliaro e de Iniciação Científica à Jade Cury Martins.

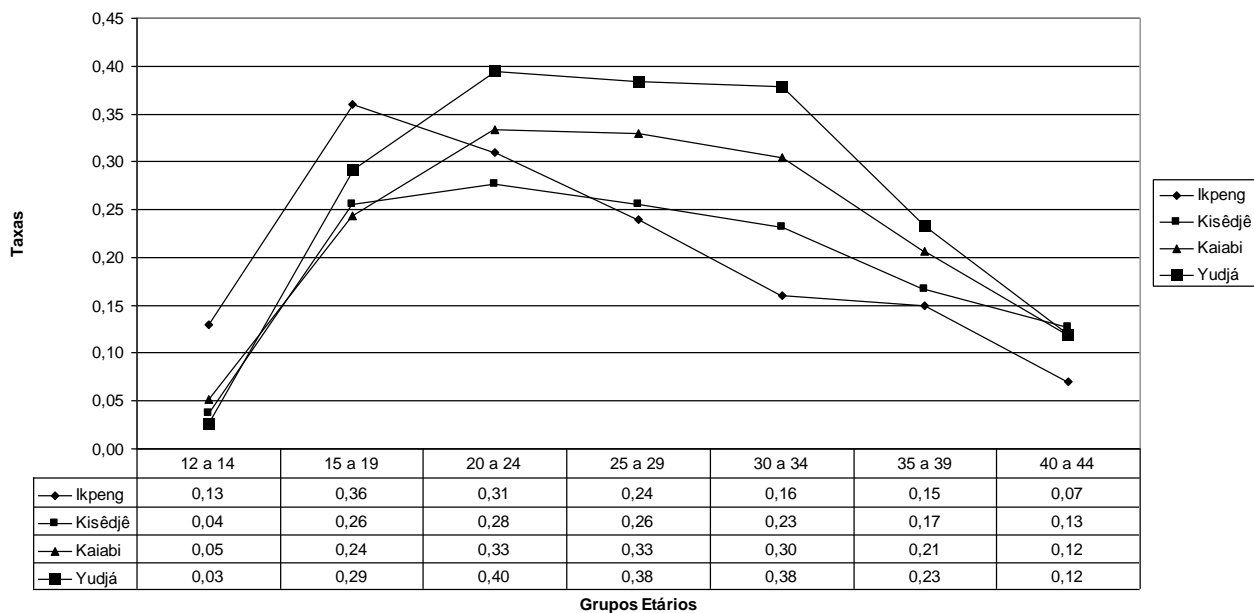
### **Referências Bibliográficas**

- Azevedo, M.M. Demografia dos povos indígenas do Alto Rio Negro/Amazonas: um estudo de caso de nupcialidade e reprodução [Tese de Doutorado] Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas; 2004.
- Baruzzi, RG. Do Araguaia ao Xingu. In: Baruzzi RG, Junqueira C (Orgs.) Parque Indígena do Xingu. Saúde, Cultura e História. São Paulo: Terra Virgem, 2005. p.59-112.
- Camargo CPF, Junqueira C, Pagliaro H. Reflexões acerca do mundo cultural e do comportamento reprodutivo dos Kamaiurá ontem e hoje. In: Pagliaro H, Azevedo MM, Santos RV (Orgs.) Demografia dos Povos Indígenas no Brasil. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ABEP, 2005. p. 119-134.
- Coimbra JR CEA, Flowers N, Salzano FM, Santos RV. The Xavante in Transition. Health, Ecology, and Bioanthropology in Central Brazil. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2002, 344 p.
- Dias Junior CS, Verona APA, Pena JL, Coelho GLLM, Moreira LE. Fecundidade das mulheres autodeclaradas indígenas residentes em Minas Gerais, Brasil: uma análise a partir do Censo Demográfico 2000. Cadernos de Saúde Pública 2008; 24(11): 2477-2486.
- Menget P. Em Nome dos Outros. Classificação das Relações Sociais entre os Txicão do Alto Xingu. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia/ Assírio & Alvim, 2001.
- Pagliaro H. A revolução demográfica dos povos indígenas: a experiência dos Kaiabi do Parque Indígena do Xingu, Brasil Central, 1970-2007. Cadernos de Saúde Pública (online), vol. 26 (3): 579-590, 2010.
- Pagliaro H, Junqueira C. Recuperação demográfica e fecundidade dos Kamaiurá, povo Tupi do Parque Indígena do Xingu, Brasil Central, 1970-2003. Saúde e Sociedade, São Paulo, 16(2):37-47, 2007.

- Pagliario H, Mendonça SB, Baruzzi RG. Fecundidade e saúde reprodutiva dos Suyá (Kisêdjê). Aspectos demográficos e culturais. Cad. CRH (online) 2009, vol. 22, n. 57, pp.479-491.
- Pagliario H, Martins JC, Coelho C, Mendonça S. Fecundidade e saúde sexual e reprodutiva dos Kisêdjê, Yudjá, Ikpeng e Kaiabi, do Parque Indígena do Xingu, Brasil Central. Trabalho apresentado no Seminário Saúde Sexual y Reproductiva, Lima, 2009.
- Pagliario H, Azevedo MM, Santos RV. Demografia dos povos indígenas no Brasil: um panorama crítico. In: Pagliario H, Azevedo MM, Santos RV (Orgs.). Demografia dos Povos Indígenas no Brasil. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ABEP, 2005. p. 11-32.
- Pagliario H, Azevedo M. Comportamento reprodutivo de povos indígenas no Brasil. Interface entre a demografia e a antropologia. In: (Wong LR org.) Población y Salud Sexual y Reproductiva en América Latina. Rio de Janeiro, ALAP, 2008, p.415-434.
- Seeger A. Nature and society in Central Brasil. The Suyá Indians of Mato Grosso. Cambridge: Harvard University Press; 1981.
- Souza LG. Demografia e saúde dos índios Xavante do Brasil Central [Tese de doutorado]. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz/MS; 2008.
- Wong LR, Morell MG de, Carvalho RL de. Notas sobre o Comportamento Reprodutivo dos Povos Indígenas no Período 1991-2000. Caxambu: ABEP, Anais do XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambu, 2006 (www.abep.org.br).

Tabela 1					
Indicadores demográficos dos Kisêdjê, Yudjá, Ikpeng e Kaiabi, Parque Indígena do Xingu, Brasil Central, 2000-07					
INDICADORES	ANO	KISÊDJÊ	YUDJÁ	IKPENG	KAIABI
<b>I. Indicadores gerais da população</b>					
Número de aldeias/localidades	2007	4	4	3	20
População Total	2007	342	306	359	1150
Percentual da população < de 15 anos	2007	48,5	54,3	53,3	56,1
Percentual da população de 15 a 49 anos	2007	42,7	38,5	38,6	37,4
Percentual da população de 50 anos e mais	2007	8,8	7,2	8,1	6,5
Taxa de crescimento médio anual da população	2000-07	3,6	4,5	3,0	5,4
<b>II- Indicadores de Fecundidade</b>					
Número absoluto de mulheres de 12 a 44 anos	2007	95	71	91	288
% de mulheres de 12 a 44 anos sobre a população total	2007	27,8	23,2	25,3	25,0
Taxa de Fecundidade Total (TFT)	2000-07	6,7	8,8	6,4	7,8
Número total de nascimentos vivos	2000-07	118	106	158	431
Percentual de mulheres de 12 a 19 anos que são mães	2000-07	12,9	17,5	28,9	18,0
Número de nascidos vivos das mulheres < de 15 anos de idade	2000-07	3	2	16	28
Número de nascidos vivos de mulheres de 15 a 19 anos	2000-07	30	28	53	116
Número de nascidos vivos de mulheres de 40 anos e mais	2000-07	8	5	3	13
Contribuição das mulheres < 30 anos para a fecundidade total %	2000-07	61	60,1	75	60,4
Média de idade ao nascimento do 1º filho vivo (em anos)	2000-07	17,5	16,8	15,1	16,5
Intervalo intergenésico (em meses)	2000-07	37,5	31	30,8	30
<b>III - Indicadores de Anticoncepção</b>					
Proporção de mulheres de 12 a 44 anos com inserção de DIU no SUS (por mil)	2007	—	—	—	—
Proporção de mulheres de 12 a 44 anos que utilizam anticoncepcionais hormonais	2007	5,3	—	22,9	18,2
Proporção de mulheres de 12 a 59 anos laqueadas no SUS (por cem)	2007	—	1,4	1,0	1,0
Proporção de homens de 25 anos e mais vasectomizados no SUS (por mil)	2007	—	—	—	—
Proporção de mulheres de 12 a 44 anos que utilizam métodos de controle da natalidade tradicionais	2007	94,7	100	77,1	81,8
Fonte de Dados Brutos: Projeto Xingu, DMP da UNIFESP/EPM					

**Figura 1 - Taxas específicas por idade das mulheres Ikpeng, Kisêdjê, Kaiabi e Yudjá, Parque Indígena do Xingu, Brasil Central, 2000-07**



**Figura 2 - Distribuição percentual da fecundidade por idades das mulheres Ikpeng, Kisêdjê, Yudjá e Kaiabi, Brasil Central, 2000-07**

